

ENTRE AS AGRURAS DO COTIDIANO E OS AFAGOS DA SALA DE AULA: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Marcelo Medeiros da Silva*

Para ser válida, a educação deve considerar a vocação ontológica do homem – vocação de ser sujeito – e as condições em que ele vive: em tal lugar exato, em tal momento, em tal contexto.

Paulo Freire

Inserida numa política global de universalização da educação básica compromissada com o desenvolvimento humano, social, político, econômico, cultural e ético da Nação, a Educação de Jovens e Adultos (EJA), da forma como se configura atualmente, é fruto da luta pela implementação de programas educacionais que, ressaltando as devidas lacunas de cada um deles, tinham como objetivo garantir o acesso à cultura letrada aos jovens e aos adultos que usufruíram de uma efêmera passagem pela escola e que, com pouca escolaridade, “tiveram no seu passado um direito violado, perdendo importante ferramenta para pensar, pesquisar e ter acesso ao saber que é produzido pela humanidade” (HADDAD, 2006, p. 01). Por causa disso, a EJA visa, portanto, permitir o acesso a essa cultura letrada sem que isso implique a desconsideração da cultura e dos saberes que esses jovens e adultos já trazem consigo.

Esclarecido isso, o presente texto visa a pensar em algumas implicações para o ensino e para a História da Educação de Jovens e Adultos (EJA), tomando-se como ponto de reflexão o conhecimento do cotidiano de alunos atendidos por esse tipo de programa educacional. Além disso, uma outra reflexão que ainda poderá ser desdobrada neste texto é a que diz respeito ao papel da escola no atendimento a essa clientela. Esperamos apresentar informações que possam servir como ponto de partida para uma reflexão a respeito do fazer pedagógico destinado a alunos da EJA, ainda que, no cumprimento de tal objetivo, possamos fazer algumas generalizações que podem ser vistas como apressadas. Entretanto, as generalizações, embora sejam criticadas por seu alto teor de subjetividade, podem, parafraseando André (1995), se tornar uma fonte imprescindível de aprendizagem para o leitor que, com base nas descrições feitas aqui e na sua própria experiência, fará associações com outros casos, generalizando seus conhecimentos.

* Mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande e doutorando em Letras pela Universidade Federal da Paraíba.

Sendo assim, cumpre esclarecermos que a idéia de generalização será aqui tomada não como um conjunto de leis que se aplicam universalmente, mas como um conjunto de dados que podem ser úteis para compreender dados de outros estudos, visto que o conhecimento em profundidade de um caso pode ajudar a entender outros. Além disso, cumpre esclarecermos outra coisa: as nossas generalizações serão feitas a partir do perfil dos sujeitos que participaram de nossa pesquisa de mestrado (cf. SILVA, 2006) e aos quais serão feitas referências, utilizando-se um apelido ou o primeiro nome, conforme acordado com os nossos colaboradores, quando da realização da coleta de dados.

Tal perfil está transcrito *ipsis litteris*, porque, se queremos que na escola se inscrevam novas práticas de sociabilidades, não podemos desprezar, consoante o pensamento de Paulo Freire expresso na epígrafe deste texto, a história de vida dos alunos, a qual é bastante significativa em se tratando de alunos da EJA, pois estes vêm, tardiamente, ao encontro do ambiente escolar, passando por leituras, compreensões e usos tidos como desqualificados em outros universos culturais:

Albanizia

“Sou uma pessoa feliz, uma porque, estou de bem com a vida. Estou sempre com pessoas boas.

Sou casada com uma pessoa muito especial. Casei com ele no dia 16/12/98 e espero viver com ele até o último dia de minha vida, tenho um filho maravilhoso que amo muito (Guilherme) e estou esperando uma menina, pesso sempre a Deus que ela venha a esse mundo com bastante saúde.

Sou uma pessoa católica creio em Deus pois ele é o responsável por tudo que se passa em nossa vida.

Meu dia é bastante corrido mais dar pra levar a vida assim. Acordo sempre as cinco horas da manhã faço umas coisas em casa e vou levar meu filho na escola e passo a manhã das seis a doze e meia ajudando um casal de pessoas idosas gosto muito mais minha profissão é agricultora pois é da agricultura que trabalho junto com meu esposo (Joseilton) para tiramos o nosso sustento.

Chegando em casa eu descanso um pouco e comesso minha rotina tomando conta das coisas até chegar a hora que eu mais gosto que é ir pra escola. Pois estou construindo o meu futuro. Chegando o fim das aulas volto pra minha casa para emfim descansar para um novo dia”.

Beta

“Meu nome Gilberta. Tenho 23 anos só casada eu gosto de trabalhar muito. Meu dia é me levanto 6 horas lavo o meu rosto e depois sai pra ganha o dia no rosado apanhar feijão mais, agora eu não vou porque estou grávida mais mesmo assim eu trabalhei ate semana passada.

Mais quando não vou eu fico em casa, arrumar a casa ou vou lavar roupa, me acordo coloco comer pro bicho, e varo as porta da minha casa. Depois coloco o almoço no fogo vou arruma a casa, e depois lavo o banheiro
Chega a hora do almoço vou esperar meu marido chegar, depois lavo a louça e vou me deita um pouco até 2 horas da tarde quando estou com tempo vou da uma arrumada nos guarda roupa, lá pra 3.30 da tarde vou no rosado quebra milho, e levo pra os bicho em casa, nas terça feira vou fazer faxina na casa de Níedja.
As vezes vou lá em mãe ajudar os meus irmão pra cuidar do gado. Nos tempo de planta, e de panha feijão, as vezes ganho dia alugado a 10 reais o dia. Mais agora acabou e também porque estou grávida é mais dificio de trabalhar. Os serviço acabou. O serviço agora só tem pra os homens e muito dificio está as coisa agora”.

Das Dores

“Meu nome é Maria das Dores, casada, mãe de quatro filhos, nascida nesta cidade maravilhosa, que eu tanto adoro, desde 1967 que eu moro aqui, eu ocupo o dia inteiro só a serviço doméstico e também lavo e passo roupa de algumas pessoas, as vezes faço faxina e vou muitas nas casas da minhas amigas, bater papo e a noite quando não estou na escola, fico em casa assistindo televisão.”

Durcinéia

“Eu sou Durcineia. Tenho 26 anos e tenho um filho com 6 anos. Durante o dia quando eu acordo arumo o menino e vou deixa na escola. Quando eu volto vou trabalha na casa de Rita até 1 hora. Quando chego em casa arumo as coizas de casa. Quando é 3 horas vou vender din-din no colegio. Quando eu volto vou fazer din-din para vender no outro dia. Quando eu termino de 5 horas eu vou cuidar da janta na casa onde eu trabalho. Quando eu volto de 6 horas para minha casa sol dar tempom de cuidar do menino. Tomar banhor e janta para o colegio. As vez ainda vou para o sitio trabalha no roçado no final de semana. Eu gosto de sai com meu namorado e toma montila e mim divertir um pouco porque e bom.
Mas o que eu mai gosto e de trabalhar na roça porque eu sou uma agricultora no sitio Impueira”.

Lindiane

“Meu nome é Lindiane. Geralmente o meu dia é assim, na parte da manhã vou para o meu trabalho que é na casa da minha prima onde eu a ajudo, nos afazeres de casa, fico até as 12:00 horas, vou para minha casa, passo a tarde quase todo dormindo, quando acordo vou arrumar minha casa e fazer as minhas atividades escolares.
Quando chega a noite vou mim preparar para ir a escola e as 10:00 horas da noite estou de volta a minha casa onde vou repousar para que no dia seguinte começar tudo de novo”.

Luciana

“Meu nome é Luciana, tenho 29 anos, nasci em 1997. Sou casada, tenho um filho. Minha vida durante o dia é assim, mi levanto escovo os dentes, vou pra cozinha preparar o café, tomo café e depois vou lava a louça. Depois arrumar a casa e depois fazer o almoço. 12 horas almoço, arrumo a cozinha. Depois deito um pouco, assisto televisão, se tiver alguma coisa pra estudar eu estudo, depois resolvo alguma coisa na rua. De cinco da tarde começo a fazer a janta, tomo banho, janto e venho pra o colégio. Quando chego do colégio, coloco o menino pra dormir, assisto um pouco de televisão e 11 e meia vou dormir e espera o outro dia pra começar tudo de novo a mesma rotina”.

Marluce

“Eu se levanto às 5:00 h começa a luta escovo os dentes, alimento as galinha, do ração ao gato. 6:30h vou trabalhar, chegando lá preparo o café, após o café arrumo a casa pois trabalho como empregada na casa de Adilma. Eu gosto muito de trabalhar para ela, só não é melhor porque eu trabalho muito e não tenho tempo para conversa. Eu começo a preparar o almoço à 10:00h. No café da manhã eu preparo tapiocas, ovos fritos, queijo assado, suco de frutas, descasco as fruta e esquento o pão. No almoço faço feijão temperado, carne assada, carne ao molho branco, arroz, macarrão, verduras e por fim suco de frutas naturais e sobremesa”.

Severino

“Durante o dia as vezes eu faso algumas obrigações, quando aparece um bom rimo de trabalho eu trabalho. Eu gosto de me divertir jogando vídeo-game, jogo bola, costumo caçar bichos no mato, eu gosto muito de aventuras, é no mato eu me divirto muito. E quando estou parado procuro ficar em casa assistindo televisão, adoro que tenho ação, muito tiros e adrenalina, mais meu dia é simples como qualquer garoto”.

Thiago

“Eu Thiago tenho dezenove anos, estudo o segundo ano do ensino médio no [colégio do] estado. Moro próximo a Cagepa e perto da minha casa tem um rio. A maior parte do dia fico em casa lendo livros fazendo exercícios da escola estudando também. Só saio de casa quando tenho algum compromisso ou quando vou comprar algo ou dar um recado. Gosto muito de pescar todo dia, gosto também de pescar de anzol nos açudes da região. Sou um cara quieto de paz, não gosto de confusão nem de brigas. Gosto de jogar vídeo game no final de semana em casa. Gosto de acompanhar jogos de futebol em outras cidades quando estou com dinheiro, etc. ”.

Tita

“Falar do meu cotidiano é lembrar da adolescência que passei no sítio Aroeiras fazendo as mesmas atividades que hoje continua as mesmas atividades, trabalhando na agricultura, cuidando das vacas, tirando sempre uma horinha para as tarefas escolares mas tudo isso é gratificante. Só que hoje eu tenho mais maturidade e conseqüentemente exige mais responsabilidade. Entretanto, o interesse de uma pessoa digna é fazer as coisas certas e foi com este princípio que tornei-me um homem feliz e realizado; não sou rico, nem tenho curso superior [...]. Sou filho de agricultores que me educaram de forma correta dentro de suas realidades. Portanto, o meu dia-a-dia é retratado de forma simples como de qualquer pessoa que vivem no sítio”.

Valdete

“O meu dia a dia começa com a minha oração do dia para que Deus ilumine o meu caminho.

Na parte da manha preparo o café. Vou para o trabalho de 7 da manha as 11 horas, fanço o percurso de 15 minutos, ao chega o trabalho. Quando retorno para casa inicio a rotina de dona de casa. Repouso 15 minutos, fanço as tarefas da escola, vou para a loja. Chego as 5 da tarde novamente vou preparo o jantar.

No entrevalo da janta eu e meu esposo dialogamos os problemas do dia.

Tenho que ir na casa de minha mazinha todos os dias isto é uma obrigação. Vou para o colégio as 7 da noite retorno as 10.

Vilma

“Eu Vilma sou casada e tenho uma filha.

Levanto pela manha, vou aprontar o café arumar a filha para a escola. Depois vou ao sítio cuidar os animais das plantas, volta par a cidade lá vem o almoço aruma a casa e vou fazer produtos de limpeza.

Tarde. Almoço deito uns 5 minutos e começo a fazer o jantar.

Noite. Tomar banho jantar e ir para a Escola”.

Zezé

“Olhe gosto muito de assistir televisão, mais adoro trabalha – principalmente arruma a casa e lavar roupas, isto e as coisas que eu mais gosto de fazer, não trabalho fora só em casa, quando não tenho o que fazer vou conversa com as minhas amigas. Não trabalho na roça mais já trabalhei muito só não gostava de limpa mato.”

A maioria desses alunos freqüentava a escola, onde desenvolvemos nossa pesquisa para o mestrado e que está situada no município paraibano de Olivedos, porque trabalha durante o dia. Por isso, só pode estudar à noite, pois a escola do município só funciona nos turnos da manhã e da tarde. Além disso, todos os alunos, com exceção de dois ou três,

estavam há bastante tempo sem estudar, voltando à escola apenas para obter a escolaridade que não foi possível completar no tempo hábil. Enfim, todos trabalham durante o dia e, à noite, quando chegam à escola, estão cansados, inclusive há alguns que literalmente dormem no momento das aulas, principalmente porque passaram todo o dia trabalhando na roça, arando a terra, manejando motor de agave, trabalhando na pedreira existente no município ou em casas de família, no caso de algumas alunas.

Como podemos observar pelos depoimentos, os referidos alunos se enquadram dentro do perfil dos alunos atendidos pela EJA. São, com algumas exceções, mães ou pais de família que não puderam atender às necessidades para com o tempo e os espaços rigidamente delimitados pela escola e, com sacrifício, acumulando responsabilidades profissionais e domésticas, passam a freqüentar cursos noturnos na expectativa de conseguir “a escolaridade perdida” e também mudar de vida. Por isso, para alguns deles, apesar das agruras da vida cotidiana, a escola é vista como local onde eles podem fugir ou descansar das lides do dia-a-dia, já que se lhes apresenta como um mundo à parte, ou como o local onde eles depositam as sempre renovadas e acalentadas esperanças de mudanças em suas vidas.

Todavia, ao afirmar, no parágrafo anterior, que esses alunos vêm nos programas educacionais como a EJA um meio de recuperarem/accelerarem a escolaridade perdida, não queremos incorrer no risco de fazer achar que a função precípua da EJA seja a reposição dessa escolaridade perdida “na idade certa”, mas, por outro lado, esse é um dado a que não podemos nos furtar se queremos refletir como se dá a inserção desses alunos no ambiente escolar. Noutras palavras, os alunos da EJA, depois de excluídos dos bancos escolares, voltam para retomar o curso de sua escolaridade básica, ainda que isto implique apenas em querer receber o certificado de conclusão e não em se apropriar de habilidades emancipatórias, o que faz com que estes alunos, no silêncio de sua exclusão, continuem servindo à manutenção do poder daqueles que o utilizam em favor de projetos pessoais e populistas. Por isso é que fazemos nossas as palavras de Teixeira (2004, p. 186):

A esse contingente de estudantes, que a cada ano regressam à escola na esperança de dias melhores e de satisfações coletivas e pessoais, devemos, ao menos, a tentativa de procurar novos caminhos que os possibilitem ler, não só com os olhos, mas com o pensamento, com a emoção, com todo o seu corpo e essência espiritual. Permitir-lhes, assim, quem sabe, ‘soltar a voz’ o mais fortemente quanto forem capazes.

Isso exigirá do educador reconhecer que o público de alunos atendidos por programas educacionais do tipo EJA é, do ponto de vista sócio-econômico, muito homogêneo, ou seja, é

composto por donas de casa, empregados assalariados, todos, além de fazerem parte de uma parcela inferior na pirâmide social, em sua maioria, não puderam terminar os estudos. Entretanto, do ponto de vista sócio-cultural, bastante heterogêneo, principalmente se consideramos as suas histórias de vida, seus conhecimentos de mundo. Enfim, no que tange à relação desses alunos com a escola, alguns deles tiveram passagens acidentadas no ensino escolar, mas sempre alimentaram o desejo de terminarem os estudos, apesar de nunca terem, no contexto escolar, valorizados os conhecimentos, as crenças e os valores adquiridos ao longo de suas histórias de vida.

Nesse sentido, tendo esses alunos como público-alvo, o papel da escola se reveste de uma importância bastante significativa, não só porque tenta inseri-los no processo de acesso à democratização da cultura, do saber; mas principalmente porque esses alunos já trazem em suas histórias de vida as marcas, os estigmas de uma sociedade e de um sistema educacional bastante elitistas, seletistas e excludentes. Aliás, não custa reiterarmos que os alunos-colaboradores da referida pesquisa corroboram o que acabou de ser afirmado, pois todos são oriundos de um local marcado por categorias “naturais” de exclusão: avessos à leitura, atendidos/as pela EJA, adultos, casados/as ou em fase de busca do Outro, trabalhadores durante toda a jornada diurna, aficionados por outros lazeres, como televisão, videogame, e por outros bens simbólicos da vida rural.

Diante desses alunos, que são uma parcela “ínfima” do Brasil que temos, o que a escola poderá fazer? Parece que existem, claramente, duas alternativas: negar-lhes a sua inserção no processo de democratização cultural ou viabilizar esse acesso. Se optar pelo primeiro, a escola estará contribuindo para a perpetuação de políticas de exclusão sócio-cultural, mas, optando pelo segundo, estará fazendo jus ao seu papel de instituição social “democrática” contribuindo, assim, para que os seus alunos possam, ainda que no curto espaço vivido na escola, desenvolver a sua percepção crítica e a sua competência artística, ou seja, tomar posse de “esquemas de percepção, pensamento e apreciação que são gerados pela familiarização” (PENNA, 1995, p. 19).

Desse modo, reiteramos que, nesse processo de democratização ao acesso à arte, à cultura, enfim, ao saber; a escola, se tiver consciência de que o acesso à televisão, a videogames ou outros bens da cultura de massa, não é suficiente para a formação cultural de seus alunos, exerce um papel bastante relevante, uma vez que é, como se pode inferir pelos dados da pesquisa de que resultou o presente texto, no ambiente escolar que grande parte da população tem acesso a outros bens simbólicos e pode ter o seu horizonte cultural ampliado,

ainda que, e talvez por isso mesmo, continue vivendo em uma sociedade nascida no seio de desigualdades e gestadas por elas.

Noutras palavras, apesar de vivermos em uma sociedade onde as dificuldades de acesso ao saber e a outras formas de conhecimento funcionam como forma de poder e dominação, o direito ao acesso a bens culturais e artísticos não pode ser negligenciado, uma vez que é possível fruir esses objetos simbólicos, desde que sejam consideradas as referências – históricas, estéticas e estilísticas – disponíveis. Entretanto, eis o desafio da escola, a gratuidade não é suficiente no acesso a tais bens:

Se a gratuidade não é garantia suficiente para um acesso democrático às formas de arte mais elaboradas, uma vez que sua efetiva apreensão requer o domínio prévio dos instrumentos de compreensão (esquemas de apropriação), não basta abrir o museu ou realizar concertos gratuitos. O desafio é a construção de caminhos que levem da camiseta ao museu, do rádio à sala de concerto e da novela ao teatro (PEREGRINO, PENNA, COUTINHO, 1995, p. 28).

Além de saber que não basta apenas gratuidade no acesso aos bens simbólicos, o professor ou professora que trabalham no segmento de ensino composto por alunos da EJA devem ter consciência de que, diante de um contato, na maioria das vezes, não muito feliz com a escola e, em decorrência disso, diante da exclusão de certas possibilidades que a nossa cultura letrada proporciona(ou), esses alunos foram marcados profundamente seja pela auto-imagem negativa que foram obrigados a construir de si mesmos, seja pelo estigma que a sociedade lhes impõe. Ter consciência disso é importante para que esses alunos, nesse retorno à sala de aula, alimentem, ainda que utopicamente, a esperança de mudança e não tenham novamente as suas expectativas frustradas.

Afinal, se, como disse o poeta, uma rosa nasceu do asfalto, é possível que outra nasça entre os espinhos daquelas que feneceram na árida seara escolar. Cabe, portanto, a nós, educadores, apesar de todos os obstáculos existentes e por vir, ir à cata das sementes, enquanto elas estão em nossas salas de aula, e, num processo contínuo e cotidiano, nos tornarmos *o jardineiro fiel* deste jardim a ser cultivado, para que, assim, o ambiente escolar seja, para os nossos alunos, espaço de inscrição de novas ou reconfiguração de velhas práticas de escrita de ser e de existir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Alonso de. *Etnografia da prática escolar*. São Paulo: Papirus, 1995. (Série Prática Pedagógica).

CUNHA, Conceição Maria da. Introdução – discutindo conceitos básicos. In: BRASIL. *Salto para o Futuro – Educação de Jovens e Adultos*. Secretaria de Educação a Distância. Brasília, 1999.

PEREGRINO, Yara Rosas; PENNA, Maura; COUTINHO, Sylvia Ribeiro. Da camiseta ao museu: a conquista cotidiana da cidadania. In: PEREGRINO, Yara Rosas (coord.). *Da camiseta ao museu: o ensino das artes na democratização da cultura*. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1995.

PENNA, Maura. O papel da arte na educação básica. In: PEREGRINO, Yara Rosas (coord.). *Da camiseta ao museu: o ensino das artes na democratização da cultura*. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1995.

TEIXEIRA, Vânia Launeville. Leitura e leituras na educação de jovens e adultos. In: PAIVA, Aparecida et al. (orgs.). *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004 (Coleção Literatura e Ensino).

SILVA, Marcelo Medeiros da. *Falando de leitura, poesia e amor com alunos egressos da educação de Jovens e Adultos: um estudo de caso*. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2006. (Dissertação de Mestrado).